

MENSAGEM DO DIRETOR

Pois aqui está a minha vida. Pronta para ser usada. Vida que não se guarda nem se esquia, assustada. Vida sempre a serviço da vida. Para servir ao que vale a pena e o preço do amor. Ainda que o gesto me doa, não encolho a mão: avanço levando um ramo de sol. Mesmo enrolado de pó, dentro da noite mais fria, a vida que vai comigo é fogo: está sempre acesa. Vem da terra dos barrancos o jeito doce e violento da minha vida: esse gosto da água negra transparente. A vida vai no meu peito, mas é quem vai me levando: tição ardente velando, girassol na escuridão. Carrego um grito que cresce cada vez mais na minha garganta, cravando seu cravo triste na verdade do meu canto. Canto molhado e barrento de menino do Amazonas que viu a vida crescer nos centros da terra firme. Que sabe a vinda da chuva pelo estremecer dos verdes e sabe ler os recados que chegam na asa do vento. Mas sabe também o tempo da febre e o gosto da fome. Nas águas da minha infância, perdi o medo entre os rebojos, por isso avanço cantando. Estou no meio do rio, estou no meio da praça. Piso firme no meu chão, sei que estou no meu lugar, como a panela no fogo e a estrela na escuridão. O que passou não conta? Indagarão as bocas desprovidas. Não deixa de valer nunca. O que passou ensina com sua garra e seu mel. Por isso é que agora vou assim no meu caminho. Publicamente andando. Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar. Aprendi (o caminho me ensinou) a caminhar cantando como convém a mim e aos que vão comigo. Pois já não vou mais sozinho. Aqui tenho a minha vida: feita à imagem do menino que continua varando os campos gerais, o que reparte o seu canto, como o seu avô repartia o cacau e fazia da colheita uma ilha de bom socorro. Feita à imagem do menino, mas à semelhança do homem: com tudo que ele tem de primavera, de valente esperança e rebeldia.

(Thiago de Mello. *Vida Verdadeira*. In: **Faz escuro, mas eu canto**, 1999.)

Estimada Comunidade Educativa,

Saúde e Paz!

Com o sinal penitencial das cinzas sobre as nossas cabeças, iniciamos mais um itinerário quaresmal. A Igreja, Mãe e Mestra, como afirmam nossos últimos Pontífices, convida-nos a preparar os nossos corações e a abrir-nos à graça de Deus para podermos celebrar com grande alegria o triunfo pascal de Cristo sobre o pecado e a morte. De fato, viver como ressuscitados é e será sempre nosso maior desafio, principalmente quando muitas dores dificultam nossa percepção da vida verdadeira de Nosso Senhor Jesus Cristo, morto e ressuscitado, centro da nossa fé e garantia da nossa esperança – como salienta o Papa Francisco, em sua mensagem para este Tempo da Quaresma: “Caminhemos juntos na Esperança”.

Este tempo penitencial por excelência, enriquecido pela graça de vivermos um Ano Jubilar, sob o lema *Peregrinos de Esperança*, evidencia, assim, fortes apelos à conversão que a misericórdia de Deus dirige a todos nós, em nossa vida pessoal e comunitária. Antes de tudo, porque *caminhar* traz à mente a longa travessia do povo de Israel em direção à Terra Prometida, a difícil passagem da escravidão para a liberdade, desejada e guiada pelo Senhor, que ama o seu povo e sempre lhe é fiel.

Por essa razão, nunca será demais nos deixar confrontar pela vida de tantos irmãos e irmãs nossos que, hoje, lutam contra situações de miséria e violência. Segundo o Papa Francisco, aqui, surge um primeiro apelo à conversão, porque cabe a cada um de nós, peregrinos nesta vida, perguntar-se: como me deixo interpelar por esta condição? Estou realmente a caminho com outros ou me sinto paralisado, com medo e sem esperança, acomodado, muitas vezes, em minha zona de conforto? Busco caminhos de libertação para promover a dignidade da vida de tantos homens e mulheres, que peregrinam comigo? O que essas situações de vulnerabilidade me dizem? Como me afetam? Como me determinam? Sem dúvida, este pode ser o início de um bom exame espiritual diário para esta caminhada, enquanto vamos aprendendo a “ser mais com os demais”.

Em segundo lugar, continua o Papa Francisco, vale recordar que fazemos esta viagem existencial *juntos*. Portanto, caminhar com outros significa afirmar a natureza de um povo sinodal – esta é a vocação da Igreja. E os cristãos são chamados a percorrer o caminho juntos, não como viajantes solitários, mas solidários – vale o trocadilho, que é bem mais que um mero jogo de palavras. Afinal, é o Espírito Santo quem nos impele a sair de nós, como nos ensina, também, Santo Inácio de Loyola, nos Exercícios Espirituais, a “sair de nosso próprio amor, querer e interesse” (EE 189), para irmos ao encontro uns dos outros. Realmente, “caminhar juntos significa ser tecelões de unidade, partindo da nossa dignidade comum de filhos de Deus” (cf. Gl 3, 26-28). Que ninguém fique para trás ou se sinta excluído. Ele está no meio de nós! Esta é uma realidade cada dia mais concreta que precisamos experimentar, ouvindo-nos mutuamente com amor e paciência. Francisco insiste, e com razão!

Nesta Quaresma, provoca-nos, ainda, o Papa, Deus pede-nos que verifiquemos se, nas nossas vidas e famílias, nos locais onde trabalhamos, nas comunidades paroquiais ou religiosas, somos capazes de caminhar com os outros, de ouvi-los, de vencer a tentação de nos entrincheirarmos na nossa autorreferencialidade e de olharmos apenas para as nossas próprias necessidades. Perguntemo-nos diante do Senhor se somos capazes de trabalhar juntos no serviço do Reino de Deus, segundo a nossa condição, a partir de gestos concretos, numa atitude acolhedora em relação àqueles que se aproximam de nós e a quantos se encontram distantes. Fazemos com que as pessoas se sintam parte da comunidade ou as mantemos à margem? Este é o segundo apelo: a conversão à sinodalidade.

Finalmente, façamos este caminho juntos *na esperança* de uma promessa. A *esperança que não engana* (cf. Rm 5, 5), mensagem central deste Ano Jubilar de 2025, seja para nós o horizonte do caminho desta Quaresma rumo à Vida Verdadeira que o Cristo Ressuscitado nos traz. No entanto, pode até ser que a Esperança seja a virtude teologal mais difícil de enxergarmos em Deus, dado que Ele tudo sabe e é onisciente. Mas não se trata apenas disso, pois a Esperança como virtude teologal evoca e configura a Liberdade com a qual o Senhor nos cria e recria o tempo todo, como homens e mulheres novos, visto que Ele deseja, ardente mente, nossa livre adesão ao seu Projeto de Vida para cada um de nós. Por isso, Deus lança, diuturnamente, cordas de amor em nossa direção, esperançoso de uma resposta coerente com a nossa identidade, reiteradamente revelada, de filhos e filhas muito amados desde sempre. Com efeito, a Esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado com largueza em nossos corações!

A partir, então, dessa certeza, de quem tem um coração generoso e compassivo, a Esperança trabalha no mais íntimo de nós, gestando a confiança de quem descobre o Senhor, junto com outros, Sua presença amorosa atuante à volta do caminho. Ele mesmo vai, pois, salvando-nos no comum dos dias, na vida mais banal e corriqueira, abrindo a estrada aos nossos passos vacilantes. Consequentemente, posso me perguntar: vivo a Esperança como um Dom que me ajuda a ler os acontecimentos da história e me impele a um compromisso com a justiça, a fraternidade, o cuidado com a Casa Comum, vivendo a Ecologia Integral (tema da Campanha da Fraternidade 2025), garantindo que ninguém seja deixado de lado? O que tudo isso me diz?

Como recorda o Papa Francisco, por quem seguimos rezando, nestes dias, a fim de que se recupere bem e com saúde para guiar o seu rebanho, a Esperança é a âncora da alma, inabalável e segura. Nela, a Igreja reza para que “todos os homens sejam salvos” (1Tm 2, 4). Ninguém se sinta excluído desta verdade: Ele nos amou primeiro e faz caminho conosco... Que a Virgem Maria, Mãe Peregrina de Esperança, interceda por nós e nos acompanhe no caminho quaresmal.



P. André Araújo, SJ
Diretor-Geral